

‘Projeto Propulsão’, a dança tirada de uma cartola de mágico

CRIS LYRA/DIVULGAÇÃO

São quatro intérpretes que enfeitam com seus movimentos de pura poesia e desafiam a percepção

CRÍTICA

★★★★★ ÓTIMO

RICARDO IAZETA, COM A SABEDORIA DO CORPO, EQUILIBRA FÚRIA COM DOÇURA

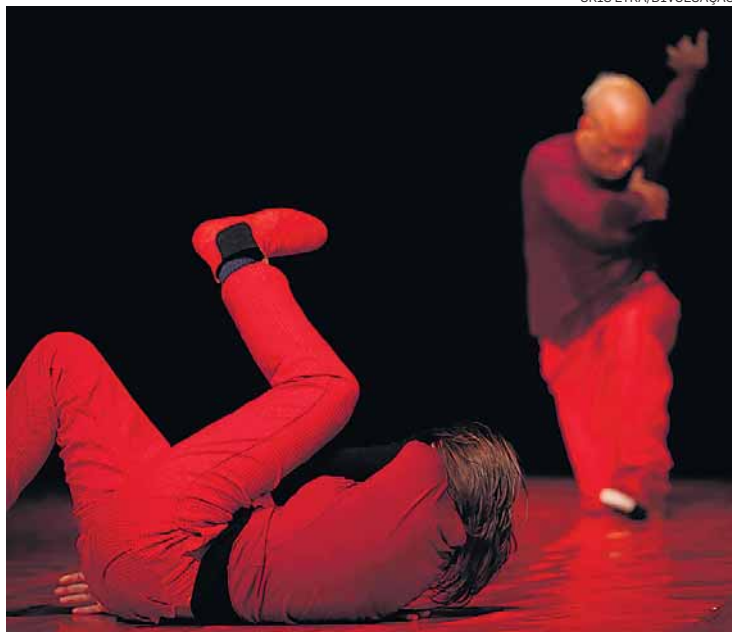
Helena Katz

ESPECIAL PARA O ESTADO

Charles Bernstein, o poeta, crítico, editor e professor nova-iorquino que coedita com Régis Bonvicino www.sibila.com, site que é referência quando se trata de poesia e crítica literária, fez uma palestra chamada O que faz um poema um poema (https://www.youtube.com/watch?v=auhINfzRcyY&feature=player_embedded). Se você dispuser de 60 segundos para ouvi-la (é a sua duração), já terá se aproximado do *Projeto Propulsão* / *O Que Faz Viver-Parte 2: Seguinte*, o mais recente espetáculo da companhia dirigida por Key Sawao e Ricardo Iazeta em cartaz até amanhã na Sala Renée Gumiel (Al. Nothmann, 1.058; 3662-5177), na Funarte (hoje às 20 h e amanhã, às 19 h).

Bernstein diz assim: “Não é a rima no final da frase, não é a forma, não é a estrutura (...), não é a esperança, não é o assunto, não são as árvores, não são as palavras, não são as coisas entre as palavras, não é a medida. É o timing”. Pois é também uma fina compreensão desse parâmetro tão difícil – a justeza da duração – que eles esmiúçam na Parte 2 desse projeto (a Parte 1, chamada sem título, foi apresentada no ano passado).

De forma surpreendente, dan-



Sofisticação. Parece natural, mas é da ordem do intrincado

do rasteiras em nossas percepções viciadas, são os movimentos que fazem os corpos existirem. É o movimento que desenha os corpos, como se os quatro intérpretes (Key Sawao, Ricardo Iazeta, Júlia Rocha e Beatriz Sano) fossem sendo apenas o que vão fazendo. Ilusão? Não, porque a dança está mesmo acontecendo, pode-se conferir a qualquer momento que se queira. Vai tudo sendo retirado de uma ‘cartola de mágico’ sem fundo e sem começo, porque tudo parece sempre ter estado por lá e, ao mesmo tempo, não se sabe bem de onde nem por que apareceu e desapareceu. Pura mágica.

Não apenas a dança de cada um deles, como também o espaço cênico de Hideki Matsuda, ambos enganam o olhar. O gesto vive em um fluxo contínuo de apareceres/desapareceres. Os pórticos que emolduram as três paredes do palco não delimitam regiões. Eles e os movimentos estão mais para o inframince de Duchamp – aquele intervalo tão infinitesimal que nem consegue se materializar, e fica na imaginação. Os intervalos entre o que

está acontecendo e o que vai acontecer desaparecem. Uma mágica atrás da outra.

Os figurinos se compõem e dispõem aos/em pedaços. E a luz, assinada por Sérgio Pupo e Hideki Matsuda, articula-se com as cores que vão desenhando novos espaços dentro do espaço.

No palco, Beatriz Sano enfeitiça o nosso olhar quando faz parecer natural o que é da ordem do intrincado. Que bailarina! Guarda familiaridade com a sofisticação com que Key Sawao vem, há tempos, tonalizando o seu dançar e que agora parece estar para lá do que poderia ser antevisto. Em Iazeta, a sabedoria do corpo foi transformada em tons de intérprete, equilibrando fúria com doçura. E Júlia Rocha encontrou o fio de um fazer ajustado, sem sobras ou faltas.

A sintonia do elenco, mais a inteligência, que de tão larga se aproxima da beleza, somam atributos que escassearam em tempos recentes. Com o timing de tudo e de cada coisa, de todos e de cada um, não é difícil identificar o que faz dessa dança pura poesia.